

CASA

ANO 12 - Nº 6 - 1988 - C\$2.000,00

VOGUE

ESPECIAL TREZE ANOS
VENICE, ANGRA, PARATY,
UBATUBA, CAMBURI
TECIDOS, TENDÊNCIAS
O RIO ANTIGO
ATENÇÃO, MÓVEIS

TROPICAL

AGORA QUE EU ESTOU DE VOLTA*

A década de 80 está fadada a ser lembrada como a década do revisionismo. Agora são os sixties, os "loucos anos 60" que estão de volta.

Rodolfo Guttilla

na época em que foram produzidas, as obras de artistas hoje consagrados pela crítica especializada como Antônio Dias, Carlos Vergara, Roberto Magalhães e Rubens Gerchman, que integraram, ao lado de outros trinta artistas, a exposição *63/66-Figura & Objeto*, que a Galeria Millan, de São Paulo, apresentou de 17 de outubro a 5 de novembro, suscitavam a seguinte questão: "Pintura moderna: arte ou loucura?".

Ainda que nos remeta à célebre indagação lobatiana, "Paranóia ou mistificação?", a pergunta acima não poderia ter saído da afiadíssima pena do escritor pré-modernista, morto dezesseis anos antes. Manchetes de capa da revista *Realidade* n.º 5, de agosto de 1966, a questão refletia fielmente, e na mesma proporção da sentença de Monteiro Lobato, o sentimento geral do grande público face à produção artística daquele momento.

Imediatismo? Amparados pela reflexão crítica formulada nos últimos anos, sobre o processo criativo nas décadas de 60 e 70 - menos em publicações especializadas mas, sobretudo, em artigos veiculados na grande imprensa - a questão que poderíamos equacionar hoje, para melhor compreender criticamente o conjunto de trabalhos apresentados nesta retrospectiva, não passa pela abordagem psicanalítica - como em Monteiro Lobato ou *Realidade* -, mas estética: liberdade formal ou imediatismo superficial? (1)

Temos consciência de que, ao generalizar uma afirmação desta natureza, incorreríamos no

grave erro de juntar, em um mesmo saco, trabalhos de artistas que dedicaram grande parte de suas vidas à pesquisa e que, naquele momento, atingiam a plenitude artística - é o caso, por exemplo, de Antônio Henrique Amaral, Ivan Serpa, Shiró, Brenand, Wesley Duke Lee e Geraldo de Barros, entre outros - com trabalhos de debutantes como Gerchman, Magalhães, Tozzi, Dias, Aguilar e Baravelli.(2)

Por outro lado, nossa questão tem o mérito de destoar do coro memorialista/saudosista - armado pelo revisionismo oficial, para festejar os anos 60 - que, sob a justificativa de que

"eram tempos difíceis"

(alusão ao golpe militar de 1964 e à ditadura que se seguiu então) e, daí, "era a arte possível", não

permite que se avance no

debate sobre a produção artística daquele momento - e muita coisa duvidosa foi feita sob a denominação "arte de resistência".

Selva signica. Quem foi à mostra achando que iria encontrar os trabalhos agrupados em tendências, ou movimentos, ou um fio condutor qualquer que o guiasse pela selva *selvaggia signica* de pinturas e objetos, frustrou-se com toda a certeza.

Algumas poucas informações bastariam. Ajudaria saber, por exemplo, que, no início dos anos 60, Baravelli, Fajardo, Frederico Nasser e José Rezende, discípulos do "realista mágico" Wesley Duke Lee, formavam o "grupo Rex" ou que, na mesma época, Gerchman, Magalhães, Vergara e Dias nominavam seus

trabalhos por nova objetividade. Com estes e outros dados em mãos, o visitante teria uma visão de conjunto mais crítica (e histórica) dos trabalhos privilegiados pela mostra.

Numa avaliação isenta, o saldo da mostra foi positivo. *63/66-Figura & Objeto* reuniu parte significativa do que se produziu no período. O melhor - e as figuras munchianas de Serpa e o claro/escuro de Geraldo de Barros nos atestam isto - e o fácil (*Que Horas São Dona Cândida?*, de Nelson Leirner, e a *Manequim*, de Mona Gorovitz ilustram suficientemente bem esta última categoria).

Notas: (1) Isto é, falta de pesquisa?

A mostra 63/66-Figura & Objeto reuniu parte significativa da arte que se fez nos "anos locos", onde a permissividade serviu de salvaguarda para o bom e o ruim.

"A espontaneidade", diz o filósofo italiano Antonio Gramsci, "é mérito e um valor quando disciplinada". Entendendo por disciplina "um estudo do passado,

na medida em que o passado é elemento do presente e do futuro, mas não elemento ocioso e sim necessário, enquanto é linguagem, isto é, elemento de uniformidade necessária", não de uniformidade "ociosa, preguiçosa" (*Literatura e Vida Nacional. Civilização Brasileira*, 1986). (2) "Comecei a estudar arte com determinação só em 1964, e a primeira vez que tive coragem de dar a mim mesmo o nome de artista foi no final de 1967. Gostaria que estes pequenos trabalhos fossem vistos nesta perspectiva" (Depoimento de Luiz Paulo Baravelli para o catálogo/livro da exposição *63/66...*).

A Volta de Aquiles (Now That I Am Back). Óleo sobre tela de Mira Schendel, obra exposta em *63/66...*